

Foi nos Rubáiyát de Omar Kháyyám que Hector Hugh Munro (1870-1916) encontrou o seu pseudônimo: Saki é o nome do escanção que serve de vinho os hóspedes do perpétuo festim celebrado nos versos do poeta persa. A escolha de tal pseudônimo revela modéstia, uma das qualidades mais simpáticas desse escritor espirituoso, que não se propunha outro objetivo senão alegrar e distrair os seus leitores.

H.H. Munro nasceu na Índia, onde o pai servia com patente de major e desempenhava as funções de inspetor-geral da polícia de Burma.⁴³ O menino, que desde cedo revelava talento de caricaturista, vivia, assim como seus irmãos, confiado a duas tias rabugentas e antipáticas, que lhe estragavam a vida.⁴⁴ As raras aparições do pai eram festas avidamente esperadas pelas crianças. Hector só pôde escapar às tias quando chegou à idade dos estudos, que fez em colégios da Inglaterra. Uma vez aposentado, o pai se reuniu aos filhos e em companhia deles foi visitar vários países da Europa. Logo depois, com vinte anos, Hector entrou como oficial na polícia inglesa de Burma, e, conquanto gostasse da profissão, teve de abandoná-la ao cabo de dois anos, por se dar mal com o clima. De retorno à Grã-Bretanha, entra a colaborar em jornais, desempenhando as funções de cronista e de comentarista parlamentar, que depois troca pela de correspondente, indo residir sucessivamente nos países dos Bálcãs, na Rússia e na França. Tendo se alistado na Primeira Guerra Mundial como voluntário, foi morto na frente francesa, e chorado pelos numerosos leitores de seus contos, já popularíssimos.

A bibliografia de Saki comporta alguns volumes de contos: Reginaldo; Reginaldo na Rússia; As crônicas de Clóvis; Bichos e superbichos (1914); um romance: O insuportável Bassington; uma sátira política: Alice em Westminster; e um único "livro sério": A ascensão do império russo.

"Unindo a agudo senso do ridículo o talento da sátira mordaz e até amarga",⁴⁵ encontrou Saki na alta sociedade inglesa matéria abundante para os seus contos. Os passatempos frívolos dessa classe — o jogo, a caça, o turfe, as reuniões

sociais — eram alvos preferidos do escritor, que os ridicularizava sem poder esconder de todo a ternura que aquele ambiente, o seu, apesar de tudo lhe inspirava. Sua personagem mais lembrada, Clóvis, é um jovem aristocrata vadio e cínico, exclusivamente preocupado com as peças que vai pregar aos amigos, predecessor de Bertie Wooster, a famosa criatura de Wodehouse.

Na construção de seus contos Saki se assemelha muito a O. Henry,⁴⁶ pois gosta de forjá-los com um desfecho surpreendente. Em “O camundongo”, por exemplo, apresentamos um rapaz sem jeito que, viajando sozinho pela primeira vez, se vê forçado, pela incômoda presença de um ratinho nas suas calças, a despir-se com imensa vergonha, diante da senhora que viaja no mesmo compartimento. Surpreendido com a falta de qualquer reação por parte dela, acaba descobrindo que a sua companheira é cega. Este aproveitamento de coincidências é típico da maioria dos contos de Saki; às vezes eles terminam com um duplo efeito de surpresa, como o famoso “Lusco-fusco”, que não é possível resumir sem o estragar. Os contos que se vão ler são característicos de sua maneira.⁴⁷

Se o nosso contista lembra O. Henry na maneira de encaminhar o desfecho da história, dele difere no evitar o sentimentalismo e no explorar sobretudo situações absurdas, tão do gosto inglês.

Suas narrativas, sempre divertidas, raro alcançam maior profundidade psicológica. Têm, no entanto, algumas histórias de extraordinária penetração: são os casos de crianças em luta com adultos (“Shredni Vashtar”, “O barracão de ferramentas”), nos quais, com descomunal força patética, evoca reminiscências de sua infância atribulada.

A PORTA ABERTA

— Minha tia já vai descer, sr. Nuttel — disse uma jovem dama de 15 anos, muito segura de si. — Enquanto isso, o senhor terá de me aturar.

Framton Nuttel procurava dizer algo apropriado que lisonjeasse devidamente a sobrinha no momento sem indevidamente menosprezar a tia de logo mais. De si para si duvidava, mais do que nunca, que visitas de cortesia, como essa, a uma série de pessoas estranhas, beneficiassem muito o tratamento de nervos a que pretendiam submetê-lo.

— Já sei como vai ser a coisa — dissera-lhe a irmã quando ele preparava sua retirada para aquele recanto de província. — Você vai-se enterrar ali sem falar a viva alma, e vai-se aborrecer tanto que os seus nervos ficarão piores do que nunca. Pelo sim, pelo não dou-lhe umas cartas de recomendação para todas as pessoas do lugar minhas conhecidas. Algumas delas, ao que me lembro, são bem agradáveis.

Framton perguntava a si mesmo, agora, se a sra. Sappleton, a quem vinha apresentar

uma daquelas cartas, pertencia ao grupo agradável.

— O senhor conhece muita gente aqui? — perguntou a sobrinha quando julgou que já tinham tido entre si bastante silêncio.

— Quase ninguém — respondeu Framton. — Minha irmã passou aqui algum tempo na reitoria, há uns quatro anos, e deu-me cartas de apresentação para várias pessoas daqui. Estas últimas palavras foram pronunciadas em tom de manifesto pesar.

— Então o senhor não sabe praticamente nada a respeito de minha tia? — perguntou a jovem dama, segura de si.

— Nada, a não ser o nome e o endereço — reconheceu o visitante.

Nem sabia se a sra. Sappleton era casada ou viúva. Um não sei quê indeterminável parecia sugerir a existência de homens na casa.

— Pois a grande tragédia dela ocorreu há três anos — declarou a menina —, quer dizer, após a visita da irmã do senhor.

— Tragédia? — perguntou Framton.

Naquele cantinho tranquilo de província parecia não haver lugar para tragédias.

— O senhor poderia perguntar por que deixamos esta porta-janela aberta numa tarde de outubro — disse ela, indicando uma larga porta que dava sobre um relvado.

— Está muito quente para a estação — observou Framton —, mas será que essa porta tem algo que ver com o drama?

— Foi por ela que, há três anos menos um dia, o marido de minha tia e seus dois jovens irmãos saíram para a caça. Nunca voltaram. Ao atravessarem o brejo para chegar ao seu lugar favorito, onde costumavam caçar narcejas, os três foram tragados por um pântano traiçoeiro. Naquele ano o verão tinha sido muito úmido, o senhor sabe, e trechos seguros do caminho em outros anos cediam de repente sem dizer água-vai. E — o que há de mais horrível — os corpos nunca foram encontrados.

Aqui a voz da menina perdeu o tom firme e tornou-se hesitante, humana:

— A pobrezinha da titia sempre pensa que eles um dia voltarão, eles e o pequeno sabujo castanho que com eles se perdeu, e vão entrar pela porta, como habitualmente faziam. É por isso que a deixam aberta todas as tardes, até o cair do crepúsculo. Pobre titia! Mais de uma vez me contou como eles foram embora, seu marido com o impermeável branco sobre o braço, e Ronnie, seu irmão mais moço, cantando “Bertie, por que estás pulando?”, com que habitualmente a agastava, porque ele dizia que aquilo a irritava muito. Sabe? Às vezes, em noites tranquilas, silenciosas como esta, eu tenho uma espécie de calafrio: parece-me que os vejo todos entrar por aquela porta.

Interrompeu-se, com um leve tremor. Foi para Framton verdadeiro alívio quando a tia irrompeu no salão multiplicando desculpas por não haver aparecido antes.

— Espero que Vera o tenha divertido — disse.

— A conversa dela tem sido muito interessante — declarou Framton.

— Espero que a porta aberta não o esteja incomodando — disse a sra. Sappleton com vivacidade. — Meu marido e meus irmãos vão chegar da caçada, e eles sempre entram por aqui. Hoje foram caçar narcejas no paul, e vão sujar completamente os meus pobres tapetes. São coisas de homem, não é?

Continuou a tagarelar sobre a casa e a escassez de aves e as perspectivas de haver patos no inverno. Para Framton tudo aquilo era simplesmente horrível. Fez um esforço desesperado, mas só em parte bem-sucedido, a fim de encaminhar a conversa a outro assunto menos horroroso; sentia que a dona da casa só lhe consagrava parte de sua atenção, pois seus olhares iam, sem parar, em direção à porta aberta e ao relvado. Fora, na verdade, uma coincidência infeliz que o trouxera àquela casa precisamente naquele aniversário trágico.

— Os médicos são unânimes em me aconselhar repouso absoluto, abstenção de qualquer excitação mental e de qualquer exercício físico de certa violência — anunciou Framton, que sofria da ilusão, muito espalhada, de que pessoas de todo estranhas a nós, ou conhecidas por acaso, ficam ávidas de conhecer até os mínimos pormenores de nossas doenças e enfermidades, de sua causa e seu tratamento. — Eles só não estão de acordo quanto ao regime — acrescentou.

— Não? — perguntou a sra. Sappleton num tom que ainda em tempo substituiu um bocejo.

Depois, de repente, seu rosto se aclarou num ar de atenção, mas não àquilo que Framton dizia.

— Afinal chegaram! — exclamou. — Justo à hora do chá. Mas não vê que estão cheios de lama até os olhos?

Framton estremeceu de leve e voltou-se para a sobrinha com um olhar destinado a comunicar-lhe uma compreensiva solidariedade. A mocinha estava com os olhos fixos na porta, cheios de horror e estupefação. Num frio choque de medo inominável, Framton virou-se na sua poltrona e olhou para a mesma direção.

No crepúsculo cada vez mais escuro três vultos atravessavam o relvado em direitura à porta; os três sobraçavam espingardas, e um deles tinha também uma capa branca, pendente de um dos ombros. Um sabujo castanho, cansado, seguia-lhe as pegadas. Sem barulho chegaram à casa, até que uma voz moça e rouca se pôs a cantar no lusco-fusco: — “Bertie, por que estás pulando?”

Framton agarrou compulsivamente a bengala e o chapéu; a porta do vestíbulo, o passeio de cascalho e o portão da frente foram as etapas confusamente notadas de sua precipitada fuga. Um ciclista que vinha pela estrada teve de se encostar à cerca para evitar uma colisão.

— Chegamos, querida — disse o da capa branca entrando pela porta. — Estamos cheios de lama, mas quase toda seca. Mas quem foi que fugiu daqui à nossa chegada?

— Um homem esquisitíssimo, um certo sr. Nuttel — disse a sra. Sappleton. — Só sabia falar das próprias doenças, e sumiu sem uma palavra de adeus ou de desculpa quando vocês entraram. Dir-se-ia que viu um fantasma.

— Parece-me que foi o sabujo — disse calmamente a sobrinha. — Ele me contou que tinha horror a tudo quanto é cachorro. Certa vez foi perseguido, num cemitério lá nas margens do Ganges, por uma matilha de cães párias, e teve de passar a noite numa cova recém-aberta, com os bichos a rosnar, a espumar, a arreganhar os dentes para ele. O bastante para a gente ficar com os nervos abalados.

Ela estava-se especializando em improvisar histórias.

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Era uma tarde quente, e o trem estava abafado, como convinha, e a próxima estação ficava a quase uma hora, em Templecombe. Os ocupantes do compartimento eram uma menina, outra menina menor e um menino. Uma tia que pertencia às crianças ocupava um assento num canto, e outro assento, do canto do lado oposto, era ocupado por um solteirão que não fazia parte do grupo, mas as meninas e o menino ocupavam, a rigor, o compartimento. Tia e crianças conversavam de maneira persistente e limitada, lembrando a insistência de uma mosca que não se deixaria incomodar. A maior parte das observações da tia pareciam começar por “Não faça isto”, e quase todas as observações das crianças começavam por um “Por quê?”. O solteirão mantinha-se em absoluto silêncio.

— Não faça isso, Cirilo! — exclamou a tia quando o meninozinho começou a dar palmadas nas almofadas do assento, produzindo a cada pancada nuvens de poeira.

— Venha, e olhe pela janela — acrescentou.

O menino aproximou-se da janela com relutância.

— Por que é que expulsam esses carneiros deste campo? — perguntou.

— Sem dúvida para serem levados a outro campo, onde há mais grama — respondeu a tia, sem convicção.

— Mas há muita grama neste campo — protestou o menino. — Nem há outra coisa senão grama. Titia, há uma porção de grama neste campo.

— Talvez a grama do outro campo seja melhor — sugeriu a tia, irrefletida.

— Por que é melhor? — veio rápida a pergunta inevitável.

— Oh, olhe essas vacas! — exclamou a tia.

Quase todos os campos ao longo da linha estiveram cheios de vacas e bois, porém ela falou como quem chama a atenção para uma raridade.

— Por que é que a grama dos outros campos é melhor? — teimava Cirilo.

A expressão de desagrado no rosto do solteirão transformava-se em sombria carranca. Era um homem duro e frio — concluiu mentalmente a tia. Ela era totalmente incapaz de chegar a uma solução satisfatória quanto à grama do outro campo.

A meninazinha menor lembrou-se de nova diversão, pondo-se a recitar “No caminho de Mandalay”. Sabia apenas o primeiro verso, mas tirou o maior proveito possível de conhecimento tão limitado. Repetia o verso inúmeras vezes numa voz lânguida, porém resoluta e muito bem audível, e o solteirão teve a impressão de que alguém apostara com ela como não seria capaz de repetir o verso duas mil vezes seguidas em voz alta sem interrupção. Fosse quem fosse o autor do desafio, estava seriamente ameaçado de perder a aposta.

— Venham cá escutar uma história — disse a tia, depois que o solteirão olhou duas vezes para ela e uma vez para o sinal de alarma.

As crianças dirigiram-se desatentas para o canto da tia; via-se que não a tinham em alta conta como contadora de histórias.

Em voz baixa e tom confidencial, interrompida aqui e ali por perguntas altas e petulantes dos seus ouvintes, a senhora começou uma história sem movimento e lamentavelmente desinteressante sobre uma menina que era muito boazinha, de quem todos ficavam amigos por causa do seu bom comportamento, e que acabou sendo salva da agressão de um touro furioso por vários salvadores que lhe admiravam o caráter.

— Será que não a teriam salvado se ela não tivesse sido boazinha? — perguntou a maiorzinha das meninas.

Era precisamente o que o solteirão teria desejado perguntar.

— Bem, eu penso que sim — admitiu a tia sem firmeza. — Mas penso que não teriam corrido com tanta pressa a ajudá-la se não gostassem tanto dela.

— É a história mais idiota que já ouvi — disse a mesma menina com imensa convicção.

— Eu deixei de escutar depois do começo; achei-a tão idiota! — disse Cirilo.

A meninazinha menor não externou comentário algum sobre a história, mas recomeçara havia muito tempo a repetir em tom de murmúrio o seu verso favorito.

— Parece que a senhora não tem muito jeito para contar histórias — observou de repente, do seu canto, o solteirão.

Diante de tão inesperado ataque, a tia assumiu imediatamente atitude de defesa.

— É muito difícil contar histórias que as crianças possam compreender e de que possam gostar ao mesmo tempo — disse em tom áspero.

— Não concordo com a senhora — o outro respondeu.

— Será que o senhor gostaria de contar-lhes uma história? — revidou a tia.

— Conte-nos uma história — pediu a maiorzinha das meninas.

— Era uma vez — principiou o solteirão — uma meninazinha chamada Berta, que era

muito boazinha.

O interesse das crianças, mal desperto, começou a bruxulear: todas as histórias se pareciam incrivelmente entre si, fosse quem fosse o contador.

— Ela obedecia sempre, dizia sempre a verdade, mantinha as suas roupas limpas, comia pudins de leite como se fossem tortas de frutas, aprendia perfeitamente as suas lições e era delicada de maneiras.

— Era bonita? — perguntou a menorzinha das meninas.

— Não tão bonita como vocês duas — respondeu o solteirão —, mas era horrivelmente boazinha.

Houve um movimento de reação a favor da história; a palavra horrível em conexão com bondade era uma novidade que se recomendava a si mesma. Parecia introduzir um toque de verdade, ausente das histórias infantis da tia.

— Era tão boazinha — continuou o solteirão — que ganhou várias medalhas de bondade, que ela trazia sempre no vestido, seguras por alfinetes. Tinha uma medalha de obediência, outra de pontualidade e uma terceira de bom comportamento. Eram grandes medalhas de metal que tilintavam uma contra a outra quando ela caminhava. Na cidade onde vivia não havia outra criança que tivesse três medalhas, e assim todos sabiam que ela devia ser uma criança extraordinariamente boa.

— Incrivelmente boa — observou Cirilo.

— Todos lhe comentavam a bondade, e o príncipe do país teve notícia dela, e disse que, por ser tão boa, ela teria licença de passear uma vez por semana no seu parque, perto da cidade. Um parque bonito, onde crianças nunca tinham permissão de entrar, de modo que era grande honra para Berta ser admitida ali.

— Havia cordeiros no parque? — perguntou Cirilo.

— Não — respondeu o solteirão —, não havia cordeiros.

— Por que não havia cordeiros? — veio a pergunta que aquela resposta não podia deixar de suscitar.

A tia permitiu-se um sorriso, que poderia quase ser descrito como um arreganhar de dentes.

— Não havia cordeiros no parque — respondeu o solteirão — porque a mãe do príncipe sonhara um dia que o filho seria morto por um cordeiro ou por um relógio que lhe cairia na cabeça. Eis por que o príncipe não tinha cordeiros no seu parque nem relógios no seu palácio.

A tia reprimiu um gesto de admiração.

— O príncipe foi morto por um cordeiro ou por um relógio? — perguntou Cirilo.

— Ele ainda vive, de modo que não podemos saber se o sonho predisse a verdade — respondeu o solteirão, impassível. — Seja como for, não havia cordeiros no parque e sim uma porção de porquinhos correndo para lá e para cá.

— De que cor eram eles?

— Pretos, de focinhos brancos, brancos malhados de preto, pretos em todo o corpo, cinzentos com manchas brancas, e alguns inteiramente branquinhos.

O contador da história fez uma pausa para deixar que a imaginação das crianças se compenetrasse das riquezas do parque, e depois continuou:

— Berta ficou algo decepcionada ao ver que não havia flores no parque. Ela prometera a suas tias, com lágrimas nos olhos, que não colheria nenhuma das flores do gentil príncipe, e estava resolvida a manter a sua promessa, de sorte que ficou muito sem graça quando viu que não havia flores para colher.

— Por que não havia flores?

— Porque os porquinhos comeram todas — respondeu de pronto o solteirão. — Os jardineiros tinham explicado ao príncipe que a gente não podia ter porcos e flores, e assim ele decidiu ter porcos e não flores.

Um murmúrio lisonjeiro aprovou a decisão do príncipe; quanta gente decidira o contrário!

— Havia no parque uma porção de outras coisas deliciosas: tanques com peixes dourados e azuis e verdes, e árvores com lindos papagaios que diziam frases inteligentes a cada instante, e beija-flores que trauteavam as melodias em voga. Berta passeava por todo o parque e divertia-se muitíssimo, e dizia com os seus botões: — “Se eu não fosse tão extraordinariamente boazinha, não teria tido licença de entrar neste belo parque e de ver todas as belezas que contém. E as três medalhas tilintavam uma contra a outra enquanto ela caminhava e a ajudavam a lembrar-se de como era boazinha de verdade. Mas nesse mesmo instante um lobo enorme penetrou sorrateiro no parque para ver se conseguia apanhar um porquinho bem gorducho para o seu jantar.

— De que cor era o lobo? — perguntaram as crianças, cujo interesse se reanimou de repente.

— Cor de lodo em todo o corpo, com a língua preta e olhos cinza-claros que brilhavam com indizível ferocidade. A primeira coisa que viu no parque foi Berta, que tinha um avental tão limpo, tão branco, que podia ser vista a grande distância. Berta viu o lobo, viu que ele se aproximava dela, e principiou a desejar que nunca houvesse tido licença de entrar no parque. Correu o mais depressa que pôde, e o lobo seguiu-a com enormes saltos e pulos. Berta conseguiu chegar a um grupo de moitas de murta, e escondeu-se na parte mais espessa. O lobo veio farejando entre as moitas, a língua preta pendendo fora da boca e os olhos cinza-claros brilhando de furor. Berta estava terrivelmente assustada, e disse consigo mesma: — “Se eu não tivesse sido tão extraordinariamente boazinha, agora estaria sã e salva na cidade.” Entretanto o cheiro da murta era tão forte que o lobo não pôde farejar o esconderijo de Berta, e as moitas tão espessas que ele poderia rondá-las por muito tempo sem avistá-la; assim, pensou em abandonar a busca e contentar-se

com um porquinho. Berta tremia muito ao saber que o lobo a rondava tão de perto, farejando por toda parte, e, quando tremia, a medalha de obediência tilintava contra as de pontualidade e bom comportamento. O lobo ia embora, quando ouviu o som das medalhas tilintantes, e parou para ouvir melhor; aí elas tilintaram outra vez numa das moitas mais próximas. Ele atirou-se na moita, os olhos cinza-claros a brilhar de furor e triunfo, arrancou Berta do seu esconderijo e devorou-a até o último bocado. Tudo quanto sobrou dela foram os sapatos, uns pedacinhos de roupa e as três medalhas de bondade.

— Algum dos porquinhos foi morto?

— Não, escaparam todos.

— A história começou mal — disse a menorzinha das meninas —, mas tem um fim muito bonito.

— É a história mais bonita que eu já ouvi — afirmou a maiorzinha em tom resolutivo.

— É a única história bonita que eu já ouvi — observou Cirilo.

A tia não concordava:

— A história não podia ser mais imprópria para crianças. O senhor acaba de solapar o efeito de anos de ensino cuidadoso.

— Pelo menos — disse o solteirão, apanhando as suas coisas para descer na próxima estação — mantive-as sossegadas por dez minutos, o que a senhora não seria capaz de conseguir.

“Mulher infeliz!” — disse ele de si para si ao percorrer a plataforma da estação de Templecombe. — “Durante uns seis meses as crianças não a deixarão em paz, pedindo-lhe publicamente que lhes conte uma história imprópria.”

CARTA A UMA SENHORITA EM PARIS

Júlio Cortázar

ANDRÉE. EU NÃO QUERIA VIVER EM SEU APARTAMENTO da Calle Suipacha. Não tanto pelos coelhos, mas porque me desagrada entrar em uma ordem fechada, construída até nas mais finas malhas do ar, essas que em sua casa preservam a música da lavanda, o adejar de um cisne, o jogo de violino e viola no quarteto de Rará. Para mim é duro entrar em um ambiente onde alguém que vive confortavelmente dispôs tudo como uma reiteração de sua alma, aqui os livros (de um lado em espanhol, do outro em francês e inglês), ali os almofadões verdes, neste exato lugar da mesinha, o cinzeiro de cristal que se parece com uma bolha de sabão, e sempre um perfume, um som, um crescer de plantas, uma fotografia do amigo morto, um ritual de bandejas com chá e pinças de açúcar... Ah, querida Andrée, que difícil opor-se, embora aceitando-a com inteira submissão do próprio ser, à minuciosa ordem que uma mulher instaura em sua agradável residência. Como é condenável pegar uma tacinha de metal e pô-la no outro extremo da mesa, pô-la ali simplesmente porque alguém trouxe seus dicionários de inglês e é deste lado, ao alcance da mão, que deverão estar. Mexer nessa tacinha equivale a pôr um horrível e inesperado vermelho em meio a uma modulação de Ozenfant, como se de repente as cordas de todos os contrabaixos rebentassem ao mesmo tempo, com o mesmo espantoso chicotço, no instante mais suave de uma sinfonia de Mozart. Mexer nessa tacinha altera o jogo de relações de toda a casa, de um objeto com outro, de cada momento de sua alma com a alma inteira da casa e sua distante moradora. E eu não posso aproximar os dedos de um livro, ajustar de leve o cone de luz de um lampião, abrir a tampa da caixa de música, sem que um sentimento de ultraje e desafio me passe pelos olhos como um bando de pardais.

Você sabe por que vim a sua casa, a sua tranqüila sala festejada de sol. Tudo parece tão natural, como sempre, que não se sabe a verdade. Você foi a Paris, eu fiquei com o apartamento da Calle Suipacha, elaboramos um simples e satisfatório plano de mútua conveniência, até que setembro traga-a de novo a Buenos Aires e me atire a alguma casa onde talvez... Mas não lhe escrevo por isso, envio esta carta por causa dos coelhos, parece-me justo informá-la; e porque gosto de escrever cartas, e talvez porque chove.

Mudei-me na quinta-feira passada, às cinco da tarde, entre névoa e tédio. Fechei tantas malas em minha vida, passei tantas horas preparando bagagens que não levavam a parte nenhuma, que a quinta-feira foi um dia cheio de sombras e correias, porque quando vejo as correias das malas é como se visse sombras, partes de um látigo que me açoita indiretamente, da maneira mais sutil e mais horrível. Mas fiz as malas, avisei sua criada que viria instalarme, e subi de elevador. Precisamente entre o primeiro e o segundo andar, senti que ia vomitar um coelho. Nunca lhe contara antes, não acredite que por deslealdade, mas naturalmente a gente não vai ficar explicando a todos que, de quando em quando, vomita um coelho. Como isso sempre me tem sucedido estando só, escondia o fato como se escondem tantos detalhes do que acontece (ou a gente faz acontecer) na intimidade total. Não me censure.

Andrée, não me censure. De quando em quando me acontece vomitar um coelhinho. Não é razão para não viver em qualquer casa, não é razão para que a gente tenha de se envergonhar e estar isolado e andar se calando.

Quando sinto que vou vomitar um coelhinho, ponho dois dedos na boca como uma pinça aberta, e espero sentir na garganta a penugem morna que sobe como uma efervescência de sal de frutas. Tudo é rápido e higiênico, transcorre em um brevíssimo instante. Tiro os dedos da boca, e neles trago preso pelas orelhas um coelhinho branco. O coelhinho parece contente, é um coelhinho normal e perfeito, só que muito pequeno, pequeno como um coelhinho de chocolate, mas branco e inteiramente um coelhinho. Ponho-o na palma da mão, levanto sua penugem com uma carícia dos dedos, o coelhinho parece satisfeito de haver nascido e bole e esfrega o focinho na minha pele, mexendo-o com essa trituração silenciosa e cosquenta do focinho de um coelhinho contra a pele de uma mão. Procura comer, e então eu (falo de quando isto ocorria em minha casa de campo) o levo comigo à varanda e o ponho no grande vaso onde cresce o trevo que plantei com esse fim. O coelhinho levanta suas orelhas, envolve o trevo novo com um veloz molinete do focinho, e eu sei que posso deixá-lo e ir embora, continuar por algum tempo uma vida não diferente da de tantos que compram seus coelhos nas granjas.

Entre o primeiro e o segundo andar. Andrée, como um aviso do que seria minha vida em sua casa, soube que ia vomitar um coelhinho. Em seguida tive medo (ou era surpresa? Não, medo da mesma surpresa, talvez), porque antes de deixar minha casa, só dois dias antes, tinha vomitado um coelhinho e estava livre por um mês, por cinco semanas, talvez seis com um pouco de sorte. Veja você, eu tinha resolvido inteiramente o problema dos coelhos. Plantava trevo na varanda de minha outra casa, vomitava um coelhinho, punha-o no trevo e, ao fim de um mês, quando suspeitava que de um momento para outro... então dava o coelho já crescido à sra. de Molina, que pensava ser um hobby meu e se calava. Já em outro vaso vinha crescendo um trevo novo e apropriado, eu esperava sem preocupação a manhã em que a cosquinha de uma penugem subindo fechava-me a garganta, e o novo coelhinho repetia desde aquela hora a vida e os costumes do anterior. Os costumes. Andrée, são formas concretas do ritmo, são a cota do ritmo que nos ajuda a viver. Não era tão terrível vomitar coelhos uma vez que isso havia entrado no ciclo invariável, no método. Você querará saber por que todo esse trabalho, por que todo esse trevo e a sra. de Molina. Teria sido preferível matar em seguida o coelhinho e... Ah, você teria de vomitar tão somente um, pegá-lo com dois dedos e colocá-lo na mão aberta, ainda aderido a você pelo ato mesmo, pela aura inefável de sua proximidade apenas rompida, Um mês distancia tanto; um mês é tanto, pêlos compridos, saltos, olhos selvagens, diferença absoluta. Andrée, um mês é um coelho, faz de verdade um coelho; mas o minuto inicial, quando a mecha morna e bulidora encobre uma presença imutável... Como um poema nos primeiros minutos, o fruto de uma noite de Iduméia: tão da gente que a gente mesmo... depois tão não a gente, tão isolado e distante em seu raso mundo branco tamanho mapa.

Decidi, contudo, matar o coelhinho mal nascesse. Eu viveria quatro meses em sua casa: quatro — talvez, com sorte, três — colheradas de álcool no focinho, (Você sabe que a misericórdia permite matar instantaneamente um coelhinho dando-lhe de beber uma colherada de álcool? Sua carne então sabe

melhor, dizem, embora eu... Três ou quatro colheradas de álcool, logo o banheiro ou um pacote somando-se ao lixo,).

Ao passar o terceiro andar o coelhinho se mexia em minha mão aberta. Sara esperava em cima, para ajudar-me a entrar com as malas... Como explicar-lhe que um capricho, uma lojinha de animais? Envolvi o coelhinho em meu lenço, coloquei-o no bolsinho do sobretudo, deixando o sobretudo solto para não espremê-lo. Mal se mexia. Sua miúda consciência devia estar revelando fatos importantes: que a vida é um movimento para cima com um click final, e que é também um céu baixo, branco, envolvente e cheirando a lavanda, no fundo de um poço morno.

Sara não viu nada, fascinava-a muito o duro problema de ajustar seu sentido de ordem a minha mala-roupeiro, meus papéis e minha displicência diante de suas demoradas explicações, onde abunda a expressão "por exemplo". Tão logo pude, me fechei no banheiro; matá-lo agora, Uma fina zona de calor rodeava o lenço, o coelhinho era branquíssimo e acho que mais lindo do que os outros. Não me olhava, somente bulia e estava contente, o que era o mais horrível modo de me olhar. Encerrei-o no pequeno armário vazio e me voltei para desfazer as malas, desorientado mas não infeliz, não culpado, não ensaboando as mãos para tirar delas uma última convulsão.

Compreendi que não podia matá-lo. Mas nessa mesma noite vomitei um coelhinho negro. E dois dias depois um branco. E na quarta noite um coelhinho cinza.

Você deve gostar do belo armário do seu quarto, com a grande porta que se abre generosa, as prateleiras vazias à espera da minha roupa. Agora guardo os ali. Ali dentro. Verdade que parece impossível; nem Sara acreditaria. Porque Sara não desconfia de nada, e não desconfia de nada por causa da minha horrível tarefa, uma tarefa que consome meus dias e minhas noites num só golpe de gatilho e vai me queimando por dentro e endurecendo como aquela estrela-do-mar que você pôs sobre a banheira e que a cada banho parece encher o corpo da gente de sal e açoites de sol e grandes rumores de profundidade.

De dia dormem. São dez. De dia dormem. Com a porta fechada, o armário é uma noite diurna somente para eles, lá dormem sua noite com sossegada obediência. Levo comigo as chaves do quarto ao sair para o trabalho. Sara deve pensar que ponho em dúvida sua honradez e olha-me desconfiada, noto todas as manhãs que está para me dizer algo, mas por fim se cala, e eu fico tão contente... (Quando arruma o quarto, das nove às dez, faço ruído na sala, ponho um disco de Benny Carter que toma todo o ambiente, e como Sara é também amiga de saetas e pasodobles, o armário parece silencioso e talvez esteja, porque para os coelhinhos agora é noite e hora de descanso.).

Seu dia principia nessa hora que vem depois da janta, quando Sara leva a bandeja com um miúdo tilintar de pinças de açúcar, deseja-me boa-noite — sim, deseja. Andrée, o mais triste é que me deseja boa-noite — e fecha-se em seu quarto e imediatamente estou só, só com o armário condenado, só com meu dever e minha tristeza.

Deixo-os sair, lançarem-se ágeis pela sala, cheirando vivamente o trevo que meus bolsos ocultavam e agora fazem no tapete efêmeras rendas que eles alteram, removem, consomem num instante. Comem bem, calados e corretos, até aquele instante nada tenho a dizer, somente os olhos do sofá, com um livro inútil na mão — eu que queria ler todos os seus Giraudoux. Andrée, e a história argentina de Lopez que você tem na prateleira mais baixa —; e comem o trevo.

São dez. Quase todos brancos. Levantam a morna cabeça para as lâmpadas da sala, os três sóis imóveis do seu dia, eles que amam a luz porque sua noite não tem lua nem estrelas nem lampiões. Olham seu triplo sol e estão contentes. Por isso, pulam pelo tapete, pelas cadeiras, dez suaves manchas movimentam-se como uma constelação móvel, de um lado para outro, embora eu quisesse vê-los quietos, vê-los a meus pés e quietos — um pouco o sonho de todo deus. Andrée, o sonho jamais cumprido dos deuses —, não assim, insinuando-se atrás do retrato de Miguel de Unamuno, em torno do grande jarro verde-claro, pela negra cavidade da escrivania, sempre menos de dez, sempre seis ou oito, e eu me perguntando onde andarão os dois que faltam, e se Sara se levantasse por qualquer coisa, e a presidência de Rivadavia que eu queria ler na história de Lopez.

Não sei como resisto. Andrée. Você recorda que vim descansar em sua casa. Não é culpa minha se de quando em quando vomito um coelhinho, se esta mudança me alterou também por dentro — não é nominalismo, não é magia, apenas que as coisas não podem mudar assim de pronto, às vezes as coisas mudam brutalmente e quando você esperava a bofetada direita... Assim. Andrée, ou de outro modo, mas sempre assim.

Escrevo-lhe de noite. São três da tarde, mas escrevo-lhe na noite deles. De dia dormem. Que alívio este escritório coberto de gritos, ordens, máquinas Royal, vice-presidentes e mimeógrafos! Que alívio, que paz, que horror. Andrée! Agora me chamam ao telefone, são os amigos que se inquietam com minhas noites recolhidas, é Luis que me convida a caminhar ou Jorge que reservou entrada para um concerto. Quase não me atrevo a dizer-lhes que não, invento prolongadas e ineficazes histórias de má saúde, de traduções atrasadas, de evasão. E quando volto e subo de elevador — aquela passagem, entre o primeiro e o segundo andar — renovo noite a noite irremediavelmente a vã esperança de que não seja verdade.

Faço o que posso para que não destroquem suas coisas. Roeram um pouco os livros da prateleira mais baixa, você os encontrará escondidos para que Sara não note. Você gostava muito de seu lampião com o ventre de porcelana cheio de mariposas e cavaleiros antigos? O trincado mal se percebe, trabalhei toda a noite com um cimento especial que me venderam em uma casa inglesa — você sabe que as casas inglesas têm os melhores cimentos — e agora fico ao lado dele para que nenhum o alcance outra vez com as patas (é quase belo ver como gostam de se pôr em pé, lembrança do humano distante, talvez imitação de seu deus deambulando e os olhando carrancudo; além disso você terá percebido — em sua infância, talvez — que se pode deixar um coelhinho em penitência contra a parede, de pé, as patinhas apoiadas e muito quieto horas e horas).

Às cinco da manhã (dormi um pouco, estirado no sofá verde e despertando a cada corrida aveludada, a cada tilintar) coloco-os no armário e faço a limpeza. Por isso Sara encontra tudo em ordem, embora às vezes eu tenha notado nela algum assombro contido, um ficar olhando um objeto, uma leve descoloração do tapete, e de novo o desejo de perguntar-me algo, mas eu assobiando as variações sinfônicas de Franck, de maneira que nada. Para que contar-lhe. Andrée, as minúcias desventuradas desse amanhecer surdo e vegetal, em que caminho entredormido levantando cabos de trevo, folhas soltas, pêlos brancos, aos encontrões nos móveis, louco de sono, e meu Gide que se atrasa. Troyat que não traduzi, e minhas respostas a uma senhora distante que já estará se perguntando se... para que continuar tudo isto, para que continuar esta carta que escrevo entre telefones e entrevistas.

Andrée, querida Andrée, meu consolo é que são dez e não virão mais. Faz 15 dias segurei na palma da mão um último coelhinho, depois nada, somente os dez comigo, sua diurna noite e crescendo, agora feios e nascendo- lhes o pêlo comprido, agora adolescentes e cheios de necessidades e caprichos, saltando sobre o busto de Antínoo¹ (é Antínoo, verdade, aquele rapaz que olha cegamente?) ou se perdendo no living onde seus movimentos criam ruídos ressonantes, tanto que dali devo tirá-los, com medo de que Sara os ouça e apareça horripilada, talvez em camisola — porque Sara deve ser assim, de camisola —, e então... Somente dez, pense você nessa pequena alegria que tenho, afinal de contas, na crescente calma com que dou volta aos duros céus do primeiro e do segundo andar.

Interrompi esta carta porque devia participar de um trabalho de comissões. Continuo-a aqui em sua casa. Andrée, sob um mudo e grisalho amanhecer, É de fato o dia seguinte. Andrée? Um pedaço em branco da página será para você o intervalo, apenas a ponte que une meu escrito de ontem ao meu escrito de hoje. Dizer-lhe que nesse intervalo tudo terminou, onde você vê a ponte aberta ouço eu quebrar-se a cintura furiosa da água, para mim este lado do papel, este lado da minha carta não continua a calma com que eu vinha escrevendo, quando a deixei para participar de um trabalho de comissões. Em sua cúbica noite sem tristeza dormem 11 coelhinhos; talvez agora mesmo, mas não, não agora — no elevador, logo, ou ao entrar; já não importa onde, se o quando é agora, se pode ser em qualquer agora dos que me restam.

Agora chega, escrevi isto porque me interessa provar-lhe que não fui tão culpado na destruição irrecuperável de sua casa. Deixarei esta carta esperando-a, seria sórdido que o correio a entregasse em alguma clara manhã de Paris, À noite passada repus os livros da segunda estante; já os alcançavam, pondo-se de pé ou saltando, roeram as lombadas para afiar os dentes — não por fome, têm todo o trevo que lhes compro e armazeno nas gavetas da escrivaninha. Rasgaram as cortinas, os forros das cadeiras, a moldura do auto-retrato de Augusto Torres, encheram de pêlos o tapete e também gritaram, estiveram dando voltas sob o lampião, em círculo e como me adorando, e logo gritavam, gritavam como eu não acredito que gritem os coelhos.

Quis em vão tirar os pelos que estragam o tapete, arranjar a moldura da tela roída, fechá-los de novo no armário. O dia chega, talvez Sara se levante

agora. É quase estranho que Sara não me importe. E quase estranho que não me importe vê-los correr em busca de brinquedos. Não tive tanta culpa, você verá quando chegar que muitos dos destroços estão bem reparados com o cimento que comprei em uma casa inglesa, eu fiz o que pude para evitar-lhe um desgosto... Quanto a mim, do dez ao 11 há como um vazio insuperável. Você vê: dez estava bem, com um armário, trevo e esperança, quantas coisas se podem construir. Mas não com 11, porque dizer 11 é certamente dizer 12. Andrée, 12 que será 13. Então está o amanhecer e uma fria solidão na qual cabem a alegria, as recordações, você e talvez tantos outros. Está esta sacada sobre Suipacha cheia de aurora, os primeiros sons da cidade. Não acho que seja difícil juntar 11 coelhinhos salpicados sobre os paralelepípedos, talvez nem os notem, atarefados com o outro corpo que convém levar logo, antes que passem os primeiros colegiais.

Tradução de Remy Gorga Filho